

PAUL G. HIEBERT



TRANSFORMANDO COSMOVISÕES

Uma análise antropológica
de como as pessoas mudam

Transformando cosmovisões é o melhor de Hiebert! Pela primeira vez, foram integradas em um único volume todas as suas mais importantes percepções missiológicas: desde a teoria dos conjuntos, relacionada ao crescimento da igreja, até a contextualização crítica, passando pelo problema da exclusão das questões cotidianas no debate entre religião e ciência. Hiebert ocupa-se de um dos conceitos mais difíceis de compreender e explicar, e sua obra é assim um bem-vindo ponto de exclamação para sua carreira, em que se formou parte do pensamento missiológico evangélico mais relevante do final do século 20 e começo do 21.

A. Scott Moreau, professor de Estudos Interculturais na Wheaton College e editor da revista *Evangelical Missions Quarterly*

Transformando cosmovisões é, em muitos aspectos, o ponto alto da obra de Paul Hiebert. Esse livro oferece insights valiosos para todas as pessoas que neste século se envolvem na missão de Deus nos mais variados contextos do mundo. É Hiebert em seu melhor estilo. Uma magnífica contribuição para a missiologia. Um legado de efeitos duradouros!

Tite Tiénou, reitor e professor de Teologia da Missão na Trinity Evangelical Divinity School

Um livro notável [...] Qualquer pessoa que conheça bem Paul Hiebert e sua obra ficará extremamente feliz de ter suas ideias, academicismo e criatividade extraordinários reunidos num único volume.

Gary Corwin, *Evangelical Missions Quarterly*

Havia um comercial da Wall Street que dizia: “Sempre que Tal Corretor fala, todos escutam”. Bem, sempre que Paul Hiebert escreve, leio e aprendo. Essa obra, publicada postumamente, não é exceção. O amplo academicismo de Hiebert, sua profunda fé em Jesus Cristo, suas acuradas percepções, seu pensamento criativo e seu compromisso indiscutível com a evangelização do mundo ficam todos evidenciados nessa obra. Hiebert foi um mentor, professor e guia para todos os que nos dedicamos a refletir sobre a missão da igreja. Esse livro é um exemplo maravilhoso de seu pensamento instigante. Todos os interessados em comunicar o evangelho entre as múltiplas culturas de hoje vão querer ouvir o que ele diz nesse livro.

Charles Van Engen, professor da cátedra Arthur F. Glasser de Teologia Bíblica da Missão, na School of Intercultural Studies, do Fuller Theological Seminary; fundador e presidente de Latin American Christian Ministries

Em conformidade com suas contribuições singulares na área da missiologia, essa última obra de Paul Hiebert nos faz compreender a cosmovisão com uma profundidade jamais vista. O livro *Transformando cosmovisões* começa com uma investigação detalhada dos conceitos de cosmovisão, depois apresenta uma análise filosófica e cultural sobre o assunto, segue com uma reflexão bíblica saudável e, então, finaliza com um chamado à transformação. Essa obra promete se tornar um clássico no estudo de missões. É o melhor de Hiebert!

Doug McConnell, Fuller Theological Seminary

Nesse estudo notável, um dos maiores missionários antropólogos dos últimos cinquenta anos apresenta a análise mais abrangente e completa disponível atualmente sobre cosmovisões e sua relação com a fé cristã. Como fruto do auge de uma vida inteira de reflexão e ministério transcultural, *Transformando cosmovisões* é uma obra magistral que influenciará os debates sobre missiologia e teologia nos próximos anos. É indispensável para qualquer pessoa que tenha interesse em questões de fé e cultura.

Harold Netland, Trinity Evangelical Divinity School

Que jornada maravilhosa é caminhar uma vez mais com nosso irmão Paul Hiebert ao longo dessas páginas, dar atenção à sua ponderada sabedoria, à sua última palavra e testemunho para os que, em nossos dias, estão buscando amar o mundo de Deus! Teoria e prática, padrões culturais e questões missiológicas — há material suficiente para instigar nossa reflexão por um longo tempo.

Miriam Adeney, Seattle Pacific University

Esse livro é produto de um Hiebert maduro, reunindo em um único volume sua reflexão original sobre a dinâmica cultural da conversão cristã. Baseando-se em uma vida inteira de estudo, reflexão e produção de texto sobre o tema, essa obra promete ser a referência sobre cosmovisão nos próximos anos. O livro está repleto de percepções culturais e teológicas sobre “o que” significa “não nos amoldarmos ao esquema deste mundo, mas sermos transformados pela renovação da nossa mente”, e “como” isso ocorre. Escrito com a clareza e a originalidade que destacaram as obras de Hiebert na reflexão sobre a teoria e a prática missionária no século 20, esse livro é um tributo adequado à vida e à obra desse extraordinário autor, que partiu para o lar eterno em 11 de março de 2007.

Jonathan J. Bonk, Overseas Ministries Study Center;
editor da revista *International Bulletin of Missionary Research*

SUMÁRIO

<i>Lista de figuras</i>	9
<i>Introdução</i>	11
1. O conceito de cosmovisão	17
2. Características das cosmovisões	37
3. Cosmovisões em contextos humanos	81
4. Métodos para a análise de cosmovisões	101
5. Cosmovisões de pequenas sociedades tradicionais (orais)	119
6. Cosmovisões de sociedades rurais	139
7. A cosmovisão moderna	157
8. A cosmovisão da modernidade tardia ou pós-modernidade	233
9. A cosmovisão pós-pós-moderna ou glocal	265
10. Rumo a uma cosmovisão bíblica	291
11. Transformando cosmovisões	335
<i>Apêndice 1: Um modelo para análise de cosmovisões</i>	365
<i>Apêndice 2: Uma comparação entre a cosmovisão americana e a cosmovisão indiana</i>	367
<i>Apêndice 3: Mudança moderna/pós-moderna</i>	375
<i>Bibliografia</i>	377
<i>Índice remissivo</i>	395

LISTA DE FIGURAS

1.1	Grupo e indivíduo como temas de uma cosmovisão	26
1.2	As dimensões da cultura	31
1.3	Temas de cosmovisão e análise cultural.....	32
2.1	Níveis de cultura	39
2.2	Uma tipologia de conjuntos.....	43
2.3	Lógica relacional.....	51
2.4	A natureza estrutural do conhecimento	57
2.5	Algumas cosmovisões de tempo	60
2.6	Diferentes visões sobre o tempo.....	63
2.7	Cosmovisões e a organização do espaço.....	66
2.8	Tipos afetivos em cultos protestantes americanos.....	69
2.9	Uma classificação dos pecados no Japão na Era Engi.....	71
2.10	Imagens da ordem moral	72
2.11	Normas para a avaliação no plano da cosmovisão	74
2.12	O aspecto central de uma cosmovisão.....	78
3.1	Uma abordagem reducionista à integração	83
3.2	Uma abordagem estratigráfica ao estudo dos seres humanos	84
3.3	Causalidade linear e sistêmica.....	86
3.4	Uma abordagem sistêmica ao estudo dos seres humanos.....	87
3.5	Sistemas mecanicista e orgânico	90
3.6	Níveis de conhecimento cultural.....	91
3.7	Como sistemas moldam e são moldados.....	99
4.1	Um teste etnossemântico	104
4.2	Os domínios na cultura masai	105
4.3	Visão hindu da vida	106
4.4	A cosmovisão moderna.....	107
4.5	Análise etnossemântica.....	108

4.6	Métodos etnossemânticos para descobrir cosmovisões	109
4.7	Termos para descrever a amizade na cultura igede.....	109
4.8	Domínios da cosmovisão em Konia, Turquia.....	110
4.9	Comparações transculturais de temas de cosmovisões	117
5.1	Cosmovisão tribal	121
5.2	Os elos de vida.....	122
6.1	Culturas orais e literárias	144
6.2	Regras para empréstimo de dinheiro	147
6.3	Questões centrais de cada nível.....	148
6.4	Sistemas de crenças indianas.....	150
6.5	Seres e poderes no islamismo.....	150
6.6	Sistemas de crenças chinesas.....	150
7.1	O surgimento da cosmovisão moderna.....	160
7.2	Esferas da vida	170
7.3	Os conceitos de alma e “eu”.....	188
7.4	Sistemas econômicos	195
9.1	Movimentos de revitalização	274
10.1	Níveis de autoridade na busca pela compreensão da cosmovisão bíblica..	294
10.2	O Rei e seu reino	304
10.3	Visões sobre os seres humanos.....	313
10.4	O significado na história.....	330
11.1	Três níveis de conversão.....	344
11.2	A natureza das mudanças de cosmovisão.....	347
11.3	Outras mudanças de cosmovisão	347
11.4	A natureza de várias etapas nas decisões de um grupo.....	357

INTRODUÇÃO

A apresentação do auto de Natal havia terminado — ao menos era isso que eu pensava. Na igreja, em uma vila no sul da Índia, garotos vestidos como pastores subiram cambaleando no palco, como se estivessem muito bêbados, para a euforia do público. Naquela região, pastor é sinônimo de bêbado. Entretanto, quando os anjos apareceram detrás das cortinas, os pastores imediatamente ficaram sóbrios, e o momento hilário passou. Os magos chegaram ao palácio de Herodes buscando orientações, e a estrela os guiou até a manjedoura, onde Maria, José, os pastores, os próprios magos e os anjos se reuniram em torno do bebê Jesus. “A mensagem foi captada”, pensei. Então, de trás das cortinas surge o Papai Noel, o maior garoto daquele grupo, dando presentes de aniversário a todos. Fiquei atordoado. O que deu errado?

Meu primeiro pensamento foi “sincretismo”. Os cristãos da vila haviam misturado o cristianismo com o hinduísmo. Mas depois percebi que não era o caso. Os missionários haviam trazido àquelas pessoas tanto Cristo quanto Papai Noel. Então, por que fiquei perturbado? A mensagem do nascimento de Cristo evidentemente foi captada, bem como a mensagem do Papai Noel que trazia os presentes. O problema era que os moradores da vila tinham unido o que, em minha mente, eram dois tipos diferentes de Natal. Um deles estava centrado em Cristo: o clima era quente, havia árvores (palmeiras), animais (jumentos, vacas e ovelhas) e figurantes (Maria, José, os pastores e os magos). O outro estava focado no Papai Noel: o clima era frio, havia árvores (sempre-vivas), animais (coelhos, ursos e, principalmente, renas) e figurantes (Papai Noel e os duendes). O que deu errado? De algum modo, a mensagem que os missionários anunciaram estava deturpada. As peças estavam todas ali, porém foram unidas da forma errada. Para entender essa confusão, precisamos perguntar: “O que é o evangelho? Quais mudanças devem ocorrer quando alguém se torna um cristão?”.

Será que um camponês analfabeto poderia se tornar um cristão depois de ouvir o evangelho apenas uma vez? Imagine, agora, Papayya, um camponês indiano, voltando para a vila depois de um dia de trabalho árduo na lavoura. Sua esposa está preparando

a refeição da noite; por isso, para passar o tempo, ele caminha para a praça da vila. Ali, ele nota um estranho rodeado por algumas pessoas curiosas e interessadas. Cansado e faminto, Papayya senta para escutar o que o homem está dizendo. Por uma hora, ouve a mensagem de um novo deus e algo que escuta o comove profundamente. Mais tarde, pergunta ao estranho sobre o novo caminho e, então, quase que por impulso, inclina sua cabeça e ora a esse deus que dizem ter aparecido aos humanos na forma de Jesus. Ele não compreende toda a mensagem muito bem. Como hindu, ele adora Vishnu, o deus que se encarnou muitas vezes como ser humano, animal ou peixe para salvar a humanidade. Papayya também conhece muitos dos outros 330 milhões de deuses hindus. O estranho, porém, diz que há somente um Deus, e esse Deus se mostrou aos seres humanos apenas uma vez. Além disso, ele também fala que esse Jesus é o Filho de Deus, mas nada diz sobre a esposa de Deus. Tudo isso é muito confuso para Papayya.

Papayya volta para casa, e uma nova série de perguntas toma conta de sua mente. Ele ainda pode ir ao templo hindu para orar? Deve contar à família sobre sua nova fé? E como pode aprender mais a respeito de Jesus se não consegue ler as poucas páginas que o estranho lhe deu e não há outros cristãos que morem próximo de sua vila? Quem garante que o estranho retornará?

Papayya pode ser tornar um cristão depois de ouvir o evangelho apenas uma vez? Nossa resposta só pode ser “sim”. Se a pessoa precisa ser culta, ter um grande conhecimento da Bíblia ou levar uma vida correta, então as boas-novas são apenas para poucas pessoas. Entretanto, qual mudança fundamental ocorre quando Papayya responde à mensagem do evangelho com uma fé sincera? Certamente, ele obteve alguma informação nova. Ele ouviu a respeito de Cristo e de sua obra redentora na cruz e escutou uma ou duas histórias sobre a vida de Cristo na Terra; porém, tal conhecimento é muito limitado. Ademais, o que ele sabe é moldado por suas crenças culturais. Papayya não teria condições de ser aprovado no teste mais simples de conhecimentos bíblicos ou teologia. Se o aceitamos como irmão, não estamos abrindo as portas para a “graça barata”, o sincretismo e uma igreja nominal? Se pedirmos que ele espere e aprenda mais, o afastaremos. O que deve acontecer para que uma conversão seja genuína?

Quando buscamos levar pessoas para Cristo, procuramos algumas evidências de conversão. Nossa primeira tendência é observar mudanças em seu comportamento e nos rituais que pratica. Essa ideia era uma verdade estabelecida entre os missionários do século 19.¹ Muitos missionários buscavam evidências de conversão verdadeira na

¹A mudança de comportamento era central nas missões católicas depois do século 16. Francisco Xavier batizou convertidos que podiam recitar de memória a oração do Pai-Nosso, os doze artigos do Breve Credo Católico e os Dez Mandamentos. A teologia católica não faz a distinção clara que faz a protestante entre crenças e comportamento, entre a forma e o significado dos símbolos. Consequentemente, entendia-se que a transformação comportamental implicava uma transformação das crenças.

vida das pessoas, tais como: usar roupas; abandonar o álcool, o tabaco e os jogos de azar; recusar-se a se curvar diante dos ancestrais; aceitar o batismo e participar da ceia do Senhor; frequentar uma igreja regularmente. Essas mudanças são importantes como indicação de conversão, mas é claro que não implicam necessariamente que as crenças fundamentais foram transformadas. As pessoas poderiam adequar seu comportamento para conseguir empregos, ganhar *status* e obter poder, sem abandonar as antigas crenças. Elas poderiam dar nomes cristãos a seus deuses e espíritos pagãos, “cristianizando” assim sua religião tradicional.

No século 20, missionários protestantes começaram a enfatizar a necessidade de transformação nas crenças das pessoas. Elas deveriam crer na divindade, no nascimento virginal, na morte e na ressurreição de Cristo para ser salvas. Precisavam se arrepender interiormente de seus pecados e buscar a salvação que Cristo oferecia aos que nele creem. As crenças corretas eram vistas como fundamentais para a conversão cristã, e as missões fundaram escolas e seminários bíblicos para ensinar a doutrina ortodoxa.

No entanto, está se tornando cada vez mais claro que a transformação das crenças professadas não é suficiente para plantar igrejas fiéis ao evangelho. As pessoas frequentemente dizem as mesmas palavras, mas com sentidos diferentes. Subjacente às crenças professadas, há um nível mais profundo da cultura que molda as categorias e a lógica com as quais as pessoas pensam e compreendem a realidade. Por exemplo, Jacob Loewen, missionário entre o povo waunana, do Panamá, perguntou aos líderes das igrejas recém-formadas do que mais gostavam por terem se tornado cristãos. Alguns disseram que era da paz que o cristianismo trazia às pessoas, que tradicionalmente viviam em guerra com seus vizinhos. Outros responderam que gostavam mais da adoração e da comunhão de que desfrutavam nos cultos das igrejas. Quando foram pressionados a aprofundar um pouco mais, finalmente admitiram que o que mais apreciavam eram as novas “palavras poderosas” que o cristianismo lhes trouxe. Loewen pediu que explicassem o que queriam dizer com isso, e um homem disse: “Quando você deseja causar dano a um inimigo, senta-se imediatamente à frente dele no culto de oração. Assim, quando você se vira para ajoelhar e orar, ele está exatamente à sua frente. Então, você diz: ‘re-den-ção’, ‘sal-va-ção’, ‘amém’, e a pessoa ficará doente”. Em uma vila no sul da Índia, todos os cristãos pintaram uma enorme cruz branca na parede externa de suas casas. Pensei que isso fosse um bom testemunho de sua nova fé, mas eles explicaram que a cruz era um poderoso símbolo para defendê-los de mau-olhado. Em ambos os casos, as pessoas haviam reinterpretado o cristianismo como uma nova e poderosa forma de magia que os capacitava a obter êxito e causar danos a seus inimigos por meio de fórmulas corretas. Essa reinterpretação do cristianismo por meio de uma compreensão essencialmente pagã da realidade não é incomum. Nós a vemos no entendimento equivocado de Simão em relação à oração

de Pedro e João (At 8.14-24). De fato, ela é um dos maiores e mais comuns perigos que ameaçam a igreja.

A conversão ao cristianismo precisa envolver três níveis: comportamento, crenças e a cosmovisão subjacente a eles. Os cristãos devem viver de modo diferente porque são cristãos. Entretanto, se o comportamento de um cristão está fundamentado principalmente em crenças tradicionais e não cristãs, ele pratica uma religiosidade pagã. A conversão precisa envolver a transformação das crenças, mas, se for uma mudança somente das crenças e não do comportamento, é uma fé falsa (Tg 2). A conversão pode incluir uma mudança de crenças e comportamento, mas, se a cosmovisão não for transformada, com o passar do tempo o evangelho é corrompido, e o resultado é um sincrético paganismo cristão que tem a forma de cristianismo, mas não a essência dele. O cristianismo se torna uma nova magia e uma forma nova e mais sutil de idolatria. Se a mudança comportamental era o foco do movimento missionário no século 19 e a mudança de crenças era o foco no século 20, a transformação de cosmovisões precisa ser a tarefa central no século 21.

Nesse ponto, é importante distinguir entre conversão como transformação pessoal e conversão como transformação coletiva. Conduzir indivíduos à fé em Jesus Cristo é a dimensão evangelística da missão. As pessoas vêm como estão, com suas histórias e culturas. Não podemos esperar uma transformação instantânea de seu comportamento, suas crenças e cosmovisões. Portanto, é importante discipulá-las para que alcancem a maturidade cristã. Isso envolve uma transformação não somente em como pensam e se comportam, mas também em sua cosmovisão.

A conversão também deve ser coletiva. A igreja em cada localidade, como uma comunidade de fé, precisa estabelecer o que significa ser cristão em seu contexto sociocultural e histórico específico. Isso requer responsabilidade para definir e preservar a ortodoxia bíblica, e deve ser feito com o objetivo de mostrar como o cristianismo é diferente de seu ambiente pagão. Esse é o aspecto da fidelidade da missão. O apóstolo Paulo diz claramente que devemos viver neste mundo, mas não ser do mundo. Ele utiliza termos como *sarx*, *archeon* e *eon* para se referir aos contextos em que vivemos. Com muita frequência, interpretamos esses termos como uma referência a um mundo caído do qual devemos fugir. Entretanto, mesmo quando nos retiramos para colônias cristãs, levamos o “mundo” conosco. Não podemos simplesmente banir o pecado e viver em comunidades santas. A carne, o mundo e a presente era são o nosso contexto atual. Eles são bons, porque os seres humanos foram criados à imagem de Deus e podem desenvolver culturas e sociedades que sejam boas. Os governos são instituídos por Deus porque ajudam a manter a ordem em um mundo caído. Mas a carne, o mundo e a presente era também são caídos e pecaminosos. Seres humanos caídos criam estruturas caídas que praticam o mal. A característica fundamental da carne, do mundo e da presente era não é serem bons ou maus — são as duas coisas —,

mas serem temporários. Estão em contraste com o reino de Deus, que é eterno, totalmente justo e bom. O processo de preservar a verdadeira fé neste mundo e na presente era é contínuo, pois cada geração precisa aprender a pensar biblicamente sobre como ser cristã em seu contexto particular.

Como as cosmovisões podem ser transformadas? Antes de responder a essa questão, precisamos investigar mais a natureza das cosmovisões e como elas operam.

1

O CONCEITO DE COSMOVISÃO

O conceito de cosmovisão surgiu durante as duas últimas décadas como um importante conceito na filosofia, na filosofia da ciência, na história, na antropologia e no pensamento cristão. É uma dessas palavras fascinantes e frustrantes que chamam nossa atenção. Sua ambiguidade gera grande quantidade de estudos e ideias, mas também muita confusão e equívocos. Não há uma única definição com que todos concordem. Na melhor das hipóteses, podemos examinar a história do conceito junto com as definições e as teorias que surgiram. Assim, é possível desenvolver um modelo que nos auxilie a entender a natureza de nossa missão como cristãos no mundo.

Origens do conceito

O conceito de cosmovisão tem várias origens. Uma delas é a filosofia ocidental, em que a palavra alemã *Weltanschauung* foi introduzida por Immanuel Kant e utilizada por autores como Kierkegaard, Engels e Dilthey quando refletiram sobre a cultura ocidental.¹ Por volta de 1840, ela havia se tornado uma palavra comum na Alemanha.

Albert Wolters (1985, p. 9) observa:

Um aspecto básico da ideia de *Weltanschauung* é uma perspectiva do mundo e das coisas, um modo de observar o cosmo de um determinado ponto de vista. A ideia, portanto, tende a ter a conotação de ser pessoal, datada, particular e limitada em sua validade pelas próprias condições históricas. Mesmo quando uma cosmovisão é coletiva (isto é, compartilhada por todos os que pertencem a determinada nação, classe social ou época), ela não deixa de partilhar da individualidade histórica dessa nação, classe ou época específica.

¹David K. Naugle (2002) apresenta uma excelente história do conceito na filosofia ocidental.

No século 19, os historiadores alemães passaram do estudo da política, das guerras e de grandes personalidades para o estudo de pessoas comuns. Por não poderem examinar a vida de cada indivíduo ou cada evento, eles concentraram a atenção nas sociedades como um todo, buscando padrões culturais mais abrangentes. Por exemplo, Jacob Burckhardt, em sua obra *Civilization of the Renaissance in Italy* [Civilização da Renascença na Itália], procurou explicar diversos aspectos da cultura na Itália renascentista, como festivais, etiqueta, crenças populares e ciência, da perspectiva de um tema principal: o individualismo. Oswald Spengler delineou como as culturas seletivamente se apropriaram de características de outras culturas e como reinterpretaram essas características de acordo com as próprias cosmovisões fundamentais. Por exemplo, ele mostrou como os egípcios tinham uma “profunda” preocupação com o tempo. Eles mantiveram registros detalhados de eventos passados e construíram grandes monumentos para os mortos, a fim de lembrar o povo de seu grande passado. Os gregos, por outro lado, tinham um conceito “superficial” de tempo e viviam basicamente no presente. Seus historiadores argumentavam que nenhum evento importante havia ocorrido antes deles. Não estavam interessados em história (passado), mas na estrutura e no funcionamento do mundo a seu redor. Wilhelm Dilthey explicou diferentes períodos da história da perspectiva do *Zeitgeist* ou “espírito dos tempos”.

Da perspectiva da história, essa análise das atividades humanas diárias levantou novas questões. Como se desenvolvem os padrões culturais, como eles se propagam de uma região para outra, e por que alguns desaparecem enquanto outros permanecem por séculos e milênios? Por exemplo, as culturas do Ocidente são profundamente moldadas pelo mundo greco-romano, do qual elas se formaram. São moldadas mais pela filosofia grega do que pela filosofia hindu ou hebraica, e mais moldadas pelos conceitos de lei e ordem social romanos do que pelos de Confúcio. Os historiadores alemães utilizaram o termo *Weltanschauung* para se referir aos profundos e permanentes padrões culturais de um povo.

Outra origem do conceito é encontrada na antropologia. Os antropólogos estudaram de forma empírica os povos ao redor do mundo e descobriram cosmovisões profundas e radicalmente diferentes por trás de suas culturas. Quanto mais estudavam essas culturas, mais se tornavam conscientes de que cosmovisões influenciam profundamente as maneiras de as pessoas verem o mundo e viverem suas vidas.² Eles descobriram que algumas culturas têm características semelhantes e outras são radicalmente diferentes entre si. Isso resultou na teoria de núcleos culturais ou difusionismo, que defende que padrões culturais geralmente se propagam de um grupo de pessoas para outro. Franz Boas, Robert Lowie, Edward Sapir e especialmente A. L. Kroeber utilizaram o difusionismo para desenvolver a ideia de áreas culturais constituídas de

²Para excelentes estudos sobre as cosmologias africanas, veja Forde, 1954.

sociedades que compartilham estruturas culturais comuns. Essa noção gerou a ideia de que cada cultura tem uma estrutura básica, ou *Volksgeist*.

À medida que os antropólogos estudaram culturas diferentes mais profundamente, descobriram que, abaixo da superfície do discurso e do comportamento, estão as crenças e os valores que produzem o que é dito e feito. Eles se tornaram conscientes de níveis culturais ainda mais profundos que influenciaram o modo em que as crenças são formadas — os pressupostos que as pessoas adotam sobre a natureza das coisas, as categorias nas quais elas pensam e a lógica que organiza essas categorias em uma compreensão coerente da realidade. Ficava cada vez mais claro que as pessoas não vivem no mesmo mundo, com diferentes rótulos colados a ele, mas em mundos conceituais radicalmente diferentes. Essa crescente percepção levou a pesquisas sobre aspectos mais profundos da cultura e ao uso de palavras e expressões como *éthos*, *Zeitgeist*, “cosmologia”, “cosmo interior”, “perspectiva de vida”, “evento no plano mundial”, “metáfora universal”, “ordem mundial”, “teoria universal”, “hipóteses de mundo”, “formação de mundo”, “quadro mundial”, “núcleo cultural”, “paradigma-raiz”, “inconsciente coletivo”, “inconsciente cultural”, “estruturas de plausibilidade”, “todo universo visto da perspectiva interna” e “cosmovisão”.

Como as outras palavras e expressões dessa lista, “cosmovisão” tem muitos problemas associados a ela. Primeiro, devido à sua origem na filosofia, ela focaliza as dimensões cognitivas das culturas e não trata das dimensões morais e afetivas, igualmente importantes, nem lida com a maneira em que essas três dimensões do ser humano se relacionam entre si. Segundo, ela está baseada na superioridade da visão, ou do ponto de vista, em relação à audição e ao som. Todas as culturas usam tanto a visão quanto o som, mas, na maioria, o som é a experiência sensorial dominante. Palavras faladas são mais imediatas, relacionais e íntimas do que palavras impressas. Palavras escritas são impessoais, separadas de seu contexto específico e atrasadas. As Escrituras dizem que, no princípio, Deus falou e o mundo passou a existir. Em muitas sociedades, as palavras faladas têm o poder da magia, da maldição e da bênção. O terceiro problema com o termo é que ele é aplicado tanto a indivíduos quanto a comunidades. A. F. C. Wallace (1956) observa que, enquanto os indivíduos têm os próprios “labirintos mentais”, a cosmovisão dominante nas culturas é moldada principalmente pelo poder e pelas dinâmicas sociais da comunidade. Apesar desses problemas, utilizaremos o termo “cosmovisão” porque ele é bem conhecido e porque não temos uma palavra mais precisa. Entretanto, definiremos o conceito quando utilizado neste estudo como os “pressupostos fundamentais cognitivos, afetivos e avaliadores que um grupo de pessoas adota sobre a natureza das coisas e que utiliza para organizar sua vida”. Cosmovisão é aquilo que as pessoas, em uma comunidade, presumem como realidade certa, são os mapas que elas têm da realidade e que utilizam para viver.

TRANSFORMANDO COSMOVISÕES

Todos os interessados em comunicar o evangelho entre as múltiplas culturas de hoje vão querer ouvir o que Paul Hiebert diz neste livro.

O que significa a conversão a Cristo? Uma mudança de comportamento? Uma mudança nas crenças? Para os missionários dos séculos 19 e 20, a mudança nessas duas áreas foi o principal indicador de que a conversão havia de fato ocorrido. Mas essa mudança por si só é insuficiente para explicar a conversão segundo o evangelho. E, mesmo quando ela esteja em evidência, é possível que o resultado seja simplesmente um “cristianopaganismo” sincretista. O renomado antropólogo e missionário Paul Hiebert sustenta que, para a missão no século 21, precisamos experimentar mudança numa terceira frente: na *cosmovisão* — o que está por trás tanto do comportamento quanto das crenças.

Hiebert oferece um estudo abrangente sobre cosmovisão e suas implicações de uma perspectiva antropológica. Depois de analisar as bases filosóficas do conceito, ele descreve as características da cosmovisão e os vários métodos para analisá-la. Em seguida, faz uma análise detalhada das várias cosmovisões com as quais os missionários devem se ocupar hoje, desde a cosmovisão das sociedades de pequena escala até a do contexto global emergente do ministério do século 21, passando pela cosmovisão dos camponeses, pela modernidade, pela pós-modernidade e pela pós-pós-modernidade. Hiebert aborda o impacto de cada uma dessas cosmovisões sobre o cristianismo e sobre a missão, esboçando depois uma cosmovisão bíblica que lhes sirva de comparação. Por fim, defende um ministério baseado no evangelho que busca transformar as cosmovisões de seus destinatários e dá sugestões de como fazê-lo.

